

Temos alternando os nossos assuntos entre os problemas externos e o cenário político local. Mantendo a “lógica”, hoje vamos dar ênfase ao último, a despeito do primeiro ainda ter muito ser discutido e ainda “fazer preço” no mercado. O motivo, além da “alternância”, é que os últimos movimentos dos ativos brasileiros estiveram claramente atrelados às questões políticas. Para fazer isso, vamos voltar a Opiniões antigas, onde descrevemos quais as tendências que deveríamos observar nas pesquisas depois do início da propaganda eleitoral gratuita no rádio e na TV, para termos uma ideia mais concreta das chances de cada candidato.

Para iniciar a discussão, devemos salientar que a probabilidade de Jair Bolsonaro não estar no 2º turno é muito baixa, mesmo considerando a sua impossibilidade de fazer campanha após o atentado que sofreu na semana passada. Tanto o seu voto estimulado quanto o espontâneo mostram resultados, confortavelmente, acima de 20%, independentemente do instituto de pesquisa e se a coleta dos dados se dá pelo telefone ou de forma presencial. Ou seja, considerando que não parece difícil um candidato ir para o 2º turno com uma votação entre 15% e 20%, acreditamos ser pouco provável que Bolsonaro não esteja lá. Posto isso, a primeira pergunta a ser feita seria: quem vai ser o seu concorrente?

A preferência do mercado seria por Geraldo Alckmin, mas, a cada dia, a chance de isso acontecer mostra-se menor. Voltando ao Opinião 588, dissemos que “o seu desempenho em São Paulo vai ser determinante para a sua chance de passar para o 2º turno.”. Completando a análise, mostramos que “Segundo os analistas, se ele não chegar a, pelo menos, 35% das intenções de voto, dificilmente terá chance de ir para o 2º turno”. Segundo a última pesquisa IBOPE para o estado de São Paulo, divulgada no dia 10 de setembro, Alckmin reduziu a sua diferença para Bolsonaro de 7 p.p. para 5 p.p., chegando a 18% das preferências ou seja, bem longe dos 35% que se calculava como necessário para que ele fosse competitivo. Outra questão citada como importante para a viabilidade da sua candidatura, era que ele mostrasse alguma reação exatamente nessa pesquisa IBOPE do dia 10 de setembro, uma vez que esta seria a primeira

após o início da propaganda gratuita, o grande trunfo do tucano. Infelizmente para o mercado, esta não foi especialmente auspiciosa para ele. Comparando com aquela feita no dia 20 de agosto, Alckmin passou de 7% para 9%, ou seja, oscilou dentro da margem de erro. Portanto, como ele não parece se viabilizar em São Paulo, tampouco tem crescido de forma consistente após o início da propaganda gratuita, resta “torcer” para que ele se viabilize como voto útil na reta final do 1º turno. Além disso, tem que “torcer” para que não haja também um voto útil pelo lado da esquerda. Dessa forma, nos parece que as chances de Alckmin ir para o 2º turno não parecem muito altas, dependendo muito de uma variável totalmente aleatória, o voto útil, que, mesmo que ocorra, só ficará visível na última semana antes das eleições. Ou seja, boas notícias vindas daqui no curto prazo, parecem difíceis, mas, se ocorrerem, terão impactos relevantes sobre os ativos brasileiros, uma vez que, os preços atuais já incorporaram esse cenário adverso para o candidato do PSDB.

Se pelo lado do centro direita, o cenário parece ter afunilado para a presença apenas de Jair Bolsonaro, do lado do centro esquerda, a disputa parece ter ficado restrita a Fernando Haddad e Ciro Gomes o que, para nós, acabou se caracterizando como uma surpresa.

Recorrendo dessa vez ao Opinião 586, acreditávamos que Marina Silva era uma candidata competitiva inclusive para rivalizar com Alckmin pelo voto útil na reta final do 1º turno: *“(…) a despeito de não ter um eleitor tão fiel quanto Bolsonaro e uma campanha tão estruturada quanto Alckmin, ela tem a vantagem de ser o “América” dos eleitores, o que pode fazê-la uma opção viável no caso do voto útil.”*. Entretanto, o seu desempenho nas últimas pesquisas pode ser considerado, no mínimo, frustrante. Segundo a última pesquisa do IBOPE (10/09), Marina tinha 9%, das intenções de votos, contra 12% da mediação anterior, realizada em 4 de setembro. Por outro lado, Ciro Gomes, que dávamos como “carta fora do baralho” após o fechamento das coligações, renasceu das cinzas, ultrapassando Marina e chegando a 11% nessa mesma

pesquisa. Claramente o crescimento de Ciro foi em cima do eleitorado da candidata da REDE, mas, o que isso quer dizer sobre quem pode ir para o 2º turno? Principalmente, o que isso quer dizer sobre a chance de Fernando Haddad não ir para o 2º turno?

Para responder a essa pergunta, a grande questão será como vai se dar a transferência de votos de Lula. Lá no Opinião 588 colocávamos Marina como a grande adversária a ser batida, até pelo seu perfil se encaixar naquele do eleitor “órfão do Lula”: *“Com o ex-presidente, o percentual desses “não votos” é de 16% que passa para 41% quando o seu nome é retirado. Atualmente, quem mais se beneficia da sua ausência no Nordeste é Marina Silva, que herda 21% dos votos, seguida de Ciro Gomes com 13%. Haddad pega apenas 8% dos votos. Obviamente que com esse número de “não votos”, fazer qualquer inferência é bastante arriscada, mas podemos considerar que Marina será uma grande dor de cabeça para o PT.”*. A inferência era tão arriscada que parece que erramos e o grande dor de cabeça de Haddad pode ser Ciro e não Marina. Entretanto, a questão do Nordeste ser crucial para responder a essa questão continua válida.

Do total de votos de Lula, segundo a última pesquisa disponível com o seu nome, a do IBOPE de 20 de agosto, 42% vinham do Nordeste, 56% eram mulheres, 24% tinham escolaridade até a 4ª séries do ensino fundamental e 35% tinham renda mensal de até um salário mínimo. O mesmo pode-se dizer do contingente que migrava para o “não voto” quando o nome ex-presidente era retirado das opções: 65% eram mulheres, 22% só tinha até a 4ª série do ensino fundamental, 29% tinha renda de até 1 salário mínimo e 31% eram do Nordeste. Esse perfil se encaixava melhor no eleitor de Marina Silva, mas parece que o desempenho de Ciro Gomes nas sabatinas e nos debates e, principalmente, o acerto no discurso na proposta de retirada dos devedores do SPC, fez com que ele tomasse o lugar dela na preferência dos eleitores de Lula, a despeito do “matching” dos perfis dos eleitores não parecer muito favorável. Entretanto, isso apenas significa que o principal adversário de Haddad mudou de

nome, mas os temas a serem abordados para se discutir o potencial do candidato do PT continuam os mesmos.

Pelo lado negativo para Haddad, se por um lado, a estratégia do PT de manter a candidatura de Lula até o máximo possível manteve a militância mobilizada, por outro, deixou pouco tempo para que haja a transferência de votos do ex-presidente para o novo candidato. Principalmente porque, o eleitor que terá que ser avisado, tem acesso limitado às informações. Já do lado positivo, temos a questão da identificação do eleitor com o PT, que, mesmo considerando a simbiose do partido com Lula, ainda assim parece ser forte o suficiente para levar Haddad para o 2º turno. Segundo o IBOPE, 24% dos eleitores tinham simpatia pelo PT, sendo que o segundo partido mais citado foi o PSDB com 5%. Ou seja, considerando que Lula tinha uma intenção de votos ao redor de 37%, parece razoável achar que, algo ao redor de 20% dos eleitores poderiam votar em um candidato do PT independente de ele ser Lula ou não. Qual dos dois movimentos irá prevalecer, só as próximas pesquisas poderão responder, sendo que hoje a noite teremos a divulgação do Datafolha que já deverá mostrar Haddad numericamente a frente de Alckmin e, talvez, de Ciro Gomes.

Por tudo o que foi dito acima, parece que o 2º turno vai se desenhando para ser entre Jair Bolsonaro e Fernando Haddad. Olhando para o desempenho dos ativos brasileiros desde que essa ideia começou a se fortalecer no mercado, nos parece que esse cenário já está bem precificado com o Dólar ao redor de R\$ 4,20, mas não podemos descartar pioras adicionais no caso das simulações de 2º turno entre os dois comece a mostrar Haddad na frente de Bolsonaro. Quanto as outras opções, poderíamos colocar Bolsonaro contra Alckmin e Bolsonaro contra Ciro, sendo interessante notar que seria como ir do céu ao inferno na visão

do mercado. No primeiro caso, ambos são considerados a favor das reformas, sendo a principal diferença entre eles a capacidade de implementá-las, maior no caso de Alckmin do que de Bolsonaro pelo maior apoio político do primeiro. Portanto, esse seria o 2º turno dos “sonhos” do mercado, com o Dólar vindo abaixo do R\$ 4,00. Já a disputa do ex-capitão com Ciro, seria considerada pelo mercado pior do que aquela com Haddad, não porque se ache que as propostas econômicas do candidato do PDT sejam piores do que as do PT, mas porque Ciro teria mais chances de ganhar do que Haddad. Segundo o IBOPE nas simulações de 2º turno entre Bolsonaro e Haddad, teríamos a vitória do primeiro por 40% a 36%, já colocando Ciro no lugar de Haddad, a vitória ficaria com Ciro por 40% a 37%. Ou seja, nesse caso, os níveis de R\$ 4,20 poderiam ser considerados piso e novos níveis deverão ser testados.

A conclusão final é que, apesar das incertezas, parece que o cenário vai convergindo para uma disputa de 2º turno entre Bolsonaro e Haddad. As surpresas poderão vir do voto útil em Alckmin e/ou do fracasso da transferência dos votos de Lula para o candidato do PT, mas que afetariam apenas quem iria com Bolsonaro para a reta final. A questão da saúde do ex-capitão deverá ser um tema na campanha, mas apenas um risco para ele no 2º turno, não devendo impactar o seu desempenho no 1º turno. Entretanto, lembrando da frase do ex vice-presidente Marco Maciel: *“Em política é muito difícil falar sobre hipóteses, embora não se possa excluir hipótese alguma”*.

<b>Projeção</b>		
	<b>2018</b>	<b>2019</b>
<b>IPCA (%)</b>	4,2	4,1
<b>Câmbio (eop R\$/US\$)</b>	3,7	3,9
<b>Selic (eop %)</b>	6,5	7,5
<b>PIB (%)</b>	1,0	2,5

Este material possui cunho meramente informativo, não constituindo qualquer tipo de oferta, convite, proposta ou aconselhamento por parte do Banco ABC Brasil S.A. (“Banco”) aos seus destinatários para quaisquer fins, inclusive, mas não limitado, à contratação ou não de operações financeiras, negócios ou investimentos, bem como quanto ao desenvolvimento por estes, ou não, de quaisquer estratégias correlatas. O envio deste material aos seus destinatários se dá de forma gratuita e por mera liberalidade do Banco, não se configurando como qualquer tipo de produto ou prestação de serviços por parte deste, ao qual fica reservado o direito de descontinuar o envio destas informações a qualquer tempo e sem qualquer tipo de aviso prévio a seus destinatários. As informações contidas neste material foram obtidas de fontes públicas e consideradas razoavelmente apuradas na data de sua divulgação. O Banco não confere aos destinatários deste material qualquer espécie de garantia, direito ou pretensão no que se refere às informações ora apresentadas, bem como quanto à sua exatidão, completude, isenção, confiabilidade ou atualização. Quaisquer decisões, contratações, investimentos, negócios ou estratégias, relacionadas ou não às informações ora apresentadas, deverão ser adotadas, efetuadas ou desenvolvidas pelos destinatários deste material exclusivamente de acordo com seus critérios de avaliação próprios e sob sua integral responsabilidade, com base nas informações por estes obtidas de forma independente e de acordo com a análise e opinião de seus consultores, analistas e administradores próprios. O Banco não será responsável, perante os destinatários deste material ou quaisquer terceiros, por qualquer forma de utilização das informações ora apresentadas, bem como por quaisquer perdas diretas, indiretas ou quaisquer tipos de prejuízos e/ou lucros cessantes que possam ser decorrentes do uso deste conteúdo. Este material e as informações dele constantes somente poderão ser reproduzidos, divulgados ou redistribuídos com a expressa anuência por escrito do Banco. Este material não se constitui, e não deve ser interpretado, para quaisquer fins, como relatório de análise nos termos do artigo 1º da Instrução CVM n.º 483, de 06 de Julho de 2010.